

**ESTUDOS SOBRE A ORDEM DAS PALAVRAS EM LATIM
CLÁSSICO NA OBRA DE OLGA SPEVAK**

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
botelho_mario@hotmail.com



SPEVAK, Olga, *Constituent Order in Classical Latin Prose*. Studies in Language Companion. Series 117, Amsterdam/Filadélfia, Benjamins, 2010. 320pp

\$122,68

<https://www.bookdepository.com/Constituent-Order-Classical-Latin-Prose-Olga-Spevak/9789027205841>

1. Introdução

Olga Spevak é uma docente da Université de Toulouse 2, França, onde trabalha desde 2009 como Especialista de Linguística Latina e Grega no Departamento de Línguas, Literatura e Civilizações Antigas. Também foi Professora-Leitora de tcheco no Instituto de Línguas e Civilizações Orientais, Paris IV (1999-2002). Spevak é uma jovem linguista de origem tcheca com doutorado em língua latina e Membro associado da equipe de pesquisa em sintaxe e semântica, Toulouse 2 (em 2009). Suas principais atividades de pesquisa gira em torno da sintaxe latina, ordem das palavras em latim, latim tardio e estudos de Pragmática. Suas obras são consideráveis e versam sobre variados temas. Seus inúmeros artigos podem ser observados em seu blog: <https://blogs.univ-tlse2.fr/olga-spevak/articles/>.

Este livro, como sugere o seu título, aborda a problemática que se estabelece acerca da ordem das palavras nos sintagmas da língua latina, também denominados grupos sintáticos, tendo como escopo a prosa clássica latina.

Segundo a professora Rossella Iovino, uma pesquisadora italiana, ressalta em uma Resenha sobre este *Constituent Order in Classical Latin Prose* que “a ideia básica da obra consiste na observação do valor pragmático que portam os constituintes dos grupos sintáticos latinos, uma vez

que a colocação dessas palavras não responde propriamente à sua função gramatical”⁵¹ (Cf. ROSSELLA, 2011, p. 1). De fato, o olhar que Spevak lança sobre o complexo tema que é o detalhamento das diferentes constituições do sintagma latino e suas consequências sintático-semânticas é de natureza pragmática, fundamentado nos estudos da Linguística Funcional – dirigida por Dik (1997) –, como observei em minha última tese de doutoramento, sobre a *Colocação de palavras dos sintagmas nominais em odes de Horácio: uma abordagem sintático-estilística* (BOTELHO, 2018).

Daí, ter a professora espanhola Concepción Cabrillana ter iniciado a sua Resenha sobre essa mesma obra de Spevak, ressaltando a importante contribuição da Pragmática nos estudos sobre a ordem dos constituintes latinos:

O trabalho de Olga Spevak aborda detalhadamente um tópico difícil discutido em estudos anteriores, e especialmente nos últimos anos, nos quais (estudos) a formulação e sistematização mais explícitas da abordagem pragmática e sua aplicação forneceram novas perspectivas para análise.⁵² (CABRILLANA, 2012, p. 109)

2. De que trata a obra de Spevak

Logo na Introdução, a autora procura sistematizar as características dos constituintes em latim, que são variadas, e elenca as principais contribuições das diferentes abordagens teóricas para a questão da ordem dos constituintes dos grupos linguísticos latinos: tradicional, tipológica, generativa, pragmática, funcional e estilística.

Assim, Spevak afirma que a ordem dos constituintes em latim é variável e observa que “a posição de um constituinte em sua oração ou frase não é determinada pela estrutura gramatical dessa oração, nem é in-

⁵¹ “L’idea alla base del recente volume di Olga Spevak consiste nell’osservazione che la disposizione dei costituenti in latino risponde non tanto alla funzione grammaticale che essi esprimono, quanto, piuttosto, al valore pragmatico di cui sono portatori. (ROSSELLA, 2011, p. 1)”.

⁵² “El trabajo de Olga Spevak aborda de manera detallada un tema difícil y discutido en estudios previos, y de modo especial en los últimos años, en los que la formulación y sistematización más explícita del enfoque pragmático y su aplicación han facilitado nuevas perspectivas de análisis.”.

dicativa para um destinatário de sua função gramatical”⁵³ (Cf. p. 1). Daí, a ordem dos constituintes em latim ter sido rotulada como “livre”, em comparação com a ordem “fixa” das línguas européias atuais.

Logo na Introdução, ela detalha certos aspectos fundamentais: Em “1. Abordagem tradicional”, ressalta a rotulação “livre” da ordem dos constituintes em latim, em comparação com a ordem “fixa” em francês e em alemão. Observa, também, que César e Cícero frequentemente colocam o verbo no final de uma oração em suas obras, e que esta posição é descrita como “normal” e descritas como “desvios” quando colocam o verbo na posição inicial ou interna, como observou Schneider (1912); em “2. A abordagem tipológica (de Greenberg)”, estabelece uma discussão acerca dos critérios de Greenberg, que sugere que as línguas têm uma ordem básica, não marcada, sendo outras ordens um desvio. Spevak sugere ser o latim é uma língua SOV e também SVO. Para isso, utiliza-se de três argumentos, fundamentados em Pinkster (1991): o primeiro é que “a ordem dos constituintes em latim depende, em grande parte, de regras pragmáticas e não tem implicações sintáticas” (Cf. p. 3); o segundo se refere às “descrições das funções sintáticas do sujeito, objeto e verbo, centradas em frases que contêm verbos transitivos, sendo geralmente negligenciados os outros tipos de verbos (monovalente e trivalente)” (Cf. p. 3); e o terceiro diz respeito à “considerável existência de variedade de padrões nas obras de diferentes autores latinos, e também nos trabalhos de um mesmo autor” (Cf. p. 3); em “3. A abordagem gerativa”, observa que “a abordagem da ordem das palavras no âmbito da Gramática Gerativa assemelha-se, em certo sentido, à abordagem tipológica”, pois se baseia na hipótese de que ocorre um conjunto de regras transformacionais sobre uma ordem básica que produzem padrões marcados. Logo, para entender o referido “desvio”, é necessário conceber a existência dessa ordem neutra – SOV –, sobre a qual se dão as ordens desviantes, que são em grande quantidade; em “4. Abordagens pragmáticas”, a autora inicia, enfatizando a perspectiva comunicativa de Firbas, que era um dos linguistas da Escola de Praga. Destaca os estudos de Panhuis, os quais se baseiam na teoria da Perspectiva da Frase Funcional. Nela, “a distribuição de elementos em uma frase constitui o resultado dos objetivos de

⁵³ “Latin constituent order is variable in the sense that position of a constituent in its sentence or phrase is not determined by the grammatical structure of that sentence (for example, whether it is subject in its sentence), nor is it indicative for an addressee (a hearer or reader) of its grammatical function. (SPEVAK, 2010, p. 1)”.

comunicação do usuário e da função dessa frase em seu contexto, tanto textual quanto situacional” (Cf. p. 4). Spevak, contudo, observa que a teoria de Firba se baseia nos fenômenos da ordem constituinte em tcheco, que ele comparou com o inglês e o alemão, e que a ordem dos constituintes é predominantemente governada pelo crescente dinamismo comunicativo em tcheco, mas inglês e alemão são menos sensíveis a este princípio (Cf. p. 4-5). Em seguida, observa que Panhuis define três arranjos principais para o latim: (i) um arranjo normal não emotivo {tema > rema > verbo} e dois arranjos “emotivos” (ii) {rema > tema > verbo}, e (iii) {verbo > (rema) > tema}. Logo, refere-se aos postulados sobre “tema” – definido como constituinte menos informativo – e “rema” – definido como o constituinte mais informativo.

Spevak também ressalta que outras questões surgem em torno do princípio do dinamismo comunicativo; questões do tipo: “Como decidir sobre o grau de dinamismo comunicativo dos constituintes individuais?”, conquanto tal dúvida diz respeito não apenas ao arranjo dos constituintes temáticos, como observa Panhuis (1982, p. 55), mas também aos remáticos (Cf. p. 6). Para a autora, “como a posição final ou pré-verbal não é reservada para o constituinte de rema propriamente, essa posição não lhe parece ser um indicador confiável de que o constituinte que a ocupa tem a função de rema” (Cf. p. 6); ainda neste subitem 4, passa-se a discorrer sobre a Perspectiva da Gramática Funcional, destacando as funções pragmáticas desta Gramática Funcional (GF). Segundo Spevak, “a GF distingue duas principais funções pragmáticas: ‘Tópico’ e ‘Foco’ para adescrição da ordem dos constituintes” (Cf. 6-8); considera-se tópico a entidade sobre a qual se dá a frase, e foco, o elemento que se destaca na frase, como já salientava Dik (1997, I: 312 f.). Para a autora “essas funções pragmáticas afetam o lado formal da frase: posições especiais são reservadas para os constituintes tópico e foco e podem ser marcadas por meios específicos” (Cf. p. 6). Também observa que a função pragmática de tópico, “sobre o que se está falando”, pode ser atribuída a entidades (pessoas, objetos, localidades, etc.) e que podem ocorrer vários tópicos num mesmo discurso: “um pode ser mais central do que outros, a importância dos tópicos pode mudar e novos tópicos podem ser introduzidos” (Cf. p. 6). Esclarece as noções de foco de Tópico do Discurso, que, sob as orientações de Dik (1997, I, p. 313-26), é visto como a entidade sobre a qual um discurso informa, e de Foco, que, também segundo Dik (1997, I, p. 326) é o elemento mais informativo de uma oração; ainda discorre sobre os princípios gerais e as hierarquias: na GF, conforme os trabalhos de Dik (1997, I-II), “a ordem dos constituintes se dá a partir de uma inte-

ração de uma gama diversa de fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos” (Cf. p. 8); “as hierarquias formais são formuladas como o esquema da Ordem Preferencial de Constituintes Independente da Língua (LIPOC), como propõe Dik (1997, I, p. 411)” (Cf. p. 8); em “5. Outros aspectos da ordem constituinte latina”, apresenta o conceito de *colon*, usado por Fraenkel, que “dividiu uma sentença simples ou complexa em unidades sintaticamente definidas e chamou tais unidades de *cola*” (Cf. p. 10); sobre a ornamentação estilística, Spevak apenas afirma que “a ordem dos constituintes em latim na prosa literária (assim como na poesia) pode refletir várias figuras estilísticas, que servem como ornamentação (Cf. p. 11); por fim, esclarece o objetivo e a metodologia desse estudo, afirmando que “a língua latina não figura no projeto Eurotipo (SIEWIERSKA, 1988a) e outros estudos tipologicamente orientados” (Cf. 12) e finaliza essa Introdução apresentando os *corpora* que lhe serviram de análise e a organização da obra em si, denominando os seus seis capítulos. O primeiro *corpus*: Caes., *Ciu.* I-III 30; Cic., *Tusc.* I y III, *Dom.*, *Phil.* I y IV, *Att.* XIII 50-XVI; Sall., *Iug.*, os quais foram usados nos capítulos dedicados à ordem de constituintes nas orações declarativas e interrogativas, e o segundo *corpus*: Caes., *Gall.* I-V; Cic., *Att.* I-IV; Sall., *Cat.*, *Iug.*), utilizados no estudo dos constituintes nas frases nominais (Outras bases de dados foram usadas – LASLA e BLT – nas outras partes dos demais capítulos.).

Depois dessa longa e esclarecedora Introdução passar à exposição do seu propósito propriamente dito, que é a investigação sobre a colocação das palavras nos sintagmas latinos.

No Capítulo 1 (*Restrições e liberdades de posicionamento na ordem de constituinte em latim*, p. 13-26), como o próprio título sugere, faz-se uma breve exposição do número de restrições de colocação das palavras e se reflete sobre o caráter de liberdades, que, segundo Spevak, “não são comuns em línguas europeias modernas, como românicas e germânicas, nem nas mais flexíveis línguas eslavas...” (Cf. p. 13). Defende a ideia de “que a poesia latina é muito mais flexível do que a prosa e mostra ainda mais liberdades na colocação dos constituintes” (Cf. p. 13).

Logo no início desse primeiro capítulo, chama a atenção para o fato de os coordenadores, as partículas conectivas, os subordinadores e as palavras interrogativas serem, em latim, usualmente encontrados na posição inicial, por causa de suas propriedades semântico-referenciais e funcionais.

A autora lembra que Rijhoff (2002, p. 250) argumenta que existe uma tendência translinguística, que faz os constituintes permaneçam em seu próprio domínio, como ocorre com os sintagmas ou orações de partícipio ou de infinitivo, cujos constituintes se mantêm juntos, o que se denomina “princípio de integridade do domínio”, que também vale para o latim. Porém, no subitem 7 (“O hipérbato ou descontinuidade do sintagma nominal”), ressalta que, em latim, “podem distinguir-se vários tipos de descontinuidade, dependendo dos elementos que a produzem”, como observam Pinkster (2005b) e Gettert (1999) e que tal descontinuidade não ocorre por uma escolha do usuário, posto que “é uma restrição, devido à propriedade enclítica e pospositiva desses elementos” (Cf. p. 23). De fato, este tipo de hipérbato não se dá de forma obrigatório; é, pois, opcional, que ocorre em contextos contrastivos, como observa Siewierska (1984, p. 57 e 63), segundo Spevak. Em latim, afirma a autora, advérbios, pronomes e verbos, por exemplo, são elementos estranhos (que não pertencem ao sintagma nominal) que podem produzir o hipérbato (Cf. p. 24).

Ela exemplifica tais casos produzidos por um elemento estranho (*Hae permanecerunt aquae dies complures*. – Cés. Civ. 1.14.1 – “As inundações duraram vários dias.”) e finaliza o capítulo exemplificando um outro tipo de hipérbato, em que sintagmas nominais ou preposicionais podem ser separados por um de seus próprios constituintes (*tuasque de istis rebus litteras expectabo* – Cíc. Att. 7.17.5 – “e aguardarei ansiosamente suas cartas sobre esses assuntos.”).

No longo Capítulo 2 (*Funções pragmáticas*, p. 27-114), Spevak apresenta uma descrição exaustiva acerca das manifestações pragmáticas, no que se refere à ordem dos constituintes dos sintagmas latinos, analisando-as detalhadamente. Nos sete subitens, que compõem o capítulo, a autora desenvolve alguns dos temas apresentados na Introdução e outros: “1. Minha abordagem para a ordem de constituinte latino”; “2. Foco”; “3. Tópico”; “4. Colocação de pronomes”; “5. Eclipse”; “6 Tema” e “7. Elemento complementar ou apêndice ou cauda”.

Neste capítulo, a autora procura combinar postulados da GF de Simon C. Dik e da perspectiva funcional da Escola de Praga, que foi desenvolvida por outros estudiosos, como Jan Firbas, e seguida por Dirk G. J. Panhuis, que a aplicou à língua latina. A partir de tal combinação, Spevak adota em sua análise, a ideia de que a ordenação de constituintes do sintagma latino se organiza geralmente em função da intenção comunicativa do usuário. Daí, afirmar, logo no início do capítulo, que “a ordem

dos constituintes em latim obedece fortemente a regras pragmáticas” (Cf. p. 27), já que o valor semântico dos constituintes e a sua posição contêm a mensagem que se quer comunicar.

Segundo ela, as abordagens de Dik e de Panhuis não são conceitualmente iguais, mas compartilham algumas características, como a consideração do estatuto pragmático dos constituintes que fazem aqueles estudiosos. Ambos consideram do estatuto pragmático dos constituintes indispensável para examinar a existência do constituinte no contexto imediato (Cf. p. 27). Quanto a isso, Spevak observa que “Panhuis argumentou que a ordem normal de uma oração latina observa o princípio do dinamismo comunicativo, formulado por Firbas (1992, p. 7)”, já que o constituinte de maior a informatividade é colocado no extremo direito da oração ou, na prosa latina clássica, antes do verbo (Cf. p. 29). Porém, os constituintes de foco podem ser encontrados nessas posições ou ser colocados em outra parte da oração. Instaure-se, assim, a principal questão: “Como identificar os constituintes de foco em latim?”. A seção seguinte, que trata da “dependência contextual e situacional”, propõe critérios úteis para a seu reconhecimento.

No decorrer de toda a explanação sobre esses critérios úteis, a autora ilustra com diversos exemplos da prosa clássica e, esgotando o tema sobre o foco, passa a discorrer sobre o tópico.

Define a função pragmática do tópico como “sobre o que é a oração”, conforme anunciara na Introdução (p. 6).

Ao conceituar tópico, corrobora a asserção feita por Bolkestein (1998a, p. 195), que diz que “a conceituação de tópico e seus diferentes subtipos não é sem dificuldades no âmbito da Gramática Funcional (Cf. p. 65).

Em seguida, passa a fazer certas colocações pontuais sobre o posicionamento de constituintes do tipo: “Esses pronomes se referem a entidades contextualmente dadas e, com exceção do conector relativo *qui*, elas podem teoricamente ficar em qualquer lugar na oração” (Cf. p. 73); sobre a topicalização: “Os constituintes do Tópico podem ocupar a posição inicial. Aos pronomes anafóricos e demonstrativos, é reservada uma seção especial, apesar de ser estudado também em topicalização, que a autora define como “a retomada, por meio da anáfora pronominal, de um constituinte de foco precedente e sua seleção como tópico de oração (Cf. p. 76).

Mais adiante, Spevak chama a atenção para o fato de a topicalização poder estabelecer-se entre duas orações independentes e entre duas cláusulas (\cong orações) de uma oração complexa, remetendo o leitor aos exemplos 2 e 3. Segundo a autora, “o **status** pragmático do elemento em questão afeta, portanto, o posicionamento dos pronomes e advérbios anafóricos” (p. 91-2).

Depois discorre sobre a colocação de vários tipos de pronomes, sobre os casos de elípses, desenvolve a sua reflexão sobre o tema (sem nenhuma novidade) e sobre o elemento cauda (“tail”) ou apêndice (com a intenção de corrigir abordagens anteriores), finalizando este capítulo que é o ponto forte da obra em questão.

Dando continuidade, inicia o Capítulo 3 (*Frases declarativas*, p. 115-93), o qual, grosso modo, se caracteriza por fazer uma descrição do verbo e seus argumentos numa frase declarativa, sob a perspectiva da Pragmática. Nos sete subitens, que compõem o capítulo, podem-se observar descrições e análises dos diferentes tipos de verbos latinos e os valores pragmáticos de seus argumentos: “1. Verbos transitivos bivalentes”; “2. Verbos transitivos trivalentes”; “3. Verbos em voz passiva”; “4. Verbos transitivos bivalentes Verbos de língua e pensamento”; “5. Verbos intransitivos bivalentes”; “6. Verbos monovalentes” e “7. O verbo *sum* ‘to be’”.

No primeiro subitem, Spevak declara que “a hierarquia do papel semântico é um fator importante a ser considerado em latim, onde as posições das orações não sinalizam a função sintática de um constituinte.” (Cf. p. 116) e, mais abaixo, nesse mesmo parágrafo, depois de arolar três tipos de ordenações, afirma que “não se faz necessário introduzir fatores sintáticos na ordenação nas orações latinas para entender esses padrões (Cf. p. 116).

Quanto ao último subitem, em que se faz a análise de diferentes tipos de estrutura com o *sum* (predicativa adjetiva ou substantiva, existencial e com locativo), Spevak o inicia, asseverando que “não há absolutamente nenhuma diferença de posicionamento entre o cópula *sum* e o existencial *sum* em latim” (Cf. p. 180) e que iria demonstrar tal fato. Contudo, a referida distinção não ficou muito clara.

Nos dois breves Capítulos seguintes (“*Frases interrogativas*”, p. 195-204 e “*Frases imperativas*”, p. 205-22), a autora procura, sem nenhuma novidade, comprovar que os constituintes interrogados e imperativos tendem a ocupar a posição inicial da frase.

O sexto e último Capítulo (“*Sintagma nominal*”, p. 223-81), que também constitui um tema relevante desta obra, tratam especificamente da disjunção e da inversão dos constituintes dos diferentes sintagmas nominais, que Marrozeaux (1922 e outros) denominou “Grupos nominais”: os compostos por nomes e adjetivos (ou adjetivos e nomes) e os compostos por nomes e genitivos (ou genitivos e nomes). Como já fora feito em estudos anteriores por Marrouzeau (1922 e outros) e pela própria Spevak (2006 e outros) e outros tantos estudiosos, a análise de Spevak confirma que é fundamentalmente relevante identificar, nos grupos nominais, o tipo de modificadores e distinguir o tipo de adjetivo (atributo, qualificativo, demonstrativo, indefinido, quantificador, possessivo) que compõe os respectivos sintagmas na sua ordenação.

Neste capítulo, além de uma “Introdução” (subitem 1), figuram os seguintes subitens: “2. Adjetivos modificadores”; “3. Determinadores demonstrativos”; “4. Modificadores indefinidos”; “5. Quantificadores”; “6. Modificadores possessivos”; “7. Determinadores justapostos”; “8. Complementos genitivos”; “9. Hipérbatos produzidos por elementos estranhos”; e “10. Conclusões”.

Citando Lehmann (1991, p. 224), a autora afirma que “os componentes de um grupo nominal latinos estão relativamente conectados de modo vago entre si. Logo, os modificadores não são colocados de forma mecânica antes ou depois do seu núcleo substantivo e que também não podem ser facilmente colocados a certa distância dele” (Cf. p. 223).

Quanto à função distintiva dos adjetivos, a autora afirma que ela se manifesta no ordenamento, mas que em alguns casos, como fórmulas jurídicas, administrativas, militares e religiosas, os adjetivos são sempre pós-nominais, já que “essas expressões apresentam uma ordem fixa e geralmente não estão sujeitas a hipérbatos”, conforme observou Fruyt (1990, p. 181 ff.) (Cf. p. 228-9).

Quanto à colocação do complemento em genitivo em latim, Spevak observa que a questão sobre sua ordem “normal”, apesar das muitas pesquisas publicadas, ainda não se tem uma resposta clara. Ela declara não ter também a resposta, mas nos faz lembrar que “os genitivos são substantivos ou sintagmas nominais e, portanto, exibem mais autonomia do que adjetivos ou determinantes e que variam quanto ao que se referem” (p. 226).

Quanto ao deslocamento de constituintes, a autora observa que, em latim, “o grupo nominal permite a separação por palavras ou grupos

de palavras que não pertencem a ele, o que constitui o hipérbato ou descontinuidade de sintagma nominal”. Tal descontinuidade em latim pode ocorrer também com sintagmas nominais, em que figuram mais de um modificador, como em (*Patam a vobis ut me dum de his singulis disputo iudiciis attente audiatís* – Cíc. *Clu.* 89 – “Implorar-vos-ei que me escuteis com atenção, enquanto lido com cada uma dessas provações.”).

Em seguida, corroborando Bolkestein (1998c, p. 193), Spevak ressalta que a descontinuidade pode ocorrer também com os complementos de genitivo, e afirma que “os sintagmas nominais descontínuos, envolvendo elementos estranhos, são pragmaticamente motivados. Por outro lado, em alguns casos, o hipérbato parece ser usado por razões rítmicas e prosódicas, como também aponta Adams (1971, p. 3) e Menk (1925, p. 12), entre outros” (Cf. p. 279).

Finalizando este capítulo, a autora apresenta algumas conclusões acerca da ordenação dos determinantes, das variações, da autonomia dos complementos de genitivo e do descontinuidade dos sintagmas nominais.

Por fim, apresenta a sua conclusões finais, em que reafirma o seu objetivo em descrever aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos da ordem de constituinte da prosa latina, tomando como cotejo os escritores clássicos: Cícero, César e Salústio. Também destaca que o seu referencial teórico são os conceitos de Tópico e de Foco, descrito pela Gramática Funcional, combinado com o conceito de dependência contextual, desenvolvido pela Perspectiva Funcional da Frase, por lhe parecer conveniente aproveitar aspectos dessas duas abordagens teóricas.

Ressalta, ainda, que examinou a variabilidade da ordem de constituinte em latim, além das suas restrições, diferentemente do que se pode observar em estudos anteriores.

E para finalizar a obra, assevera que a ordem dos constituintes em latim obedece a regras pragmáticas de colocação, corroborando Panhuis e Pinkster, e que isso significa que a variabilidade não é uma questão de estilo. Porém, não se exclui existência de arranjos estilísticos especiais e de figuras de estilo, que constitui um uso adicional. Portanto, para Spevak, a ordem dos constituintes em latim é basicamente fundamentada na Pragmática, sendo a ornamentação estilística uma superposição a ela, já que a variabilidade na ordem dos constituintes em latim não pode ser vista como uma ornamentação estilística.

Como resposta aos que venham ponderar que se trata de um estu-

do sobre a prosa em latim clássico, Spevak declara que “textos sem elaboração literária não se torna, por essa razão, textos sem ordem variável. A tendências de colocação são as mesmas, para dar um exemplo entre elas, no *Itinerarium* de Egéria (Cf. p. 285).

Após as Referências bibliográficas, encontra-se um índice dos trechos citados e também um apêndice, no qual se expõem três textos clássicos, com a análise pragmática.

3. *Considerações finais*

Em linhas gerais, pode-se dizer que a obra resenhada constitui uma relevante pesquisa sobre a ordem das palavras na prosa clássica da língua latina, em especial no que tange ao arranjo dos constituintes de sintagmas nominais ou grupos nominais, como denominou Marrouzeaux (1922 e outros).

E a sua relevância está na abordagem pragmática, sob a orientação da Gramática Funcional, que é feita, sem desqualificar as outras abordagens, cuja fundamentação teórica é de outra natureza. Até mesmo pelo contrário, certos aspectos dessas diferentes teorias foram considerados e aproveitados na análise feita neste *Constituent Order in Classical Latin Prose. Studies in Language Companion*.

Além da conveniente descrição e análise dos vários aspectos relacionados à ordenação dos constituintes dos grupos nominais – tema da obra –, podemos observar que a autora nos legou a análise feita de três trechos dos textos de sua *corpora* com a tradução em inglês, o que confere à obra um valor epistemológico e oferece aos leitores (estudiosos e interessados no assunto) uma ótima fonte de consulta.

Ao final desse artigo – resenha crítica –, espero ter oferecido um reflexo conveniente dessa importante obra de Olga Spevak, de modo que possa despertar em todos o interesse pela leitura da referida obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Concepción Cabrillana. In: *Reseñas de libros Emerita LXXX I*, 2012, p. 191-242. <file:///C:/Users/Mario/Downloads/1019-1085-1-PB.pdf>

DIK, Simon Cornelis. *The Theory of Functional Grammar*. 2 vols. 2nd ed. By Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 1-18

FIRBAS, J. *Functional Sentence Perspective in Written and Spoken Communication*, Cambridge, 1992.

IOVINO, Rossella, *Recensione a Olga Spevak, 2010, Constituent Order in Classical Latin Prose*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins. in STUDI ITALIANI DI LINGUISTICA TEORICA E APPLICATA, vol. 40, pp. 135-139, 2011. (ISSN 0390-6809).

MAROUZEAU, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Trad. de José Mario Botelho. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, título original: “*L’ordre des mots en latin*”, 1953.

_____. *L’ordre des mots en latin*. Volume complémentaire avec exercices d’application. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

_____. *L’ordre des mots dans la phrase latine*. Tomo I – Les Groupes Nominaux. Paris: Librairie ancienne honoré champion, Éditeur, 1922.

PANHUIS, Dirk G. J. *The communicative perspective in the sentence*. A study of Latin word order. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

PINKSTER, Harm. *Sintaxis y semântica del latín*. Trad. por M. Esperanza Torrego e Jesús de la Villa. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.

SPEVAK, Olga, *Constituent Order in Classical Latin Prose*. Studies in Language Companion. Series 117, Amsterdam/Filadelfia: Benjamins, 2010.